

O papel da prosódia na interpretação de cláusulas relativas*

Elenice Santos de Assis Costa de Souza**

UFRJ, UFRRJ



RESUMO – Segundo a tradição, as orações subordinadas adjetivas explicativas seriam caracterizadas pelo uso da(s) pausa(s) na fala e da(s) vírgula(s) na escrita. Já as restritivas seriam identificadas pela ausência dessas marcas nas duas modalidades. Partindo-se do pressuposto de que não há correspondência biunívoca entre os níveis sintático e prosódico, embora eles sejam complementares, este estudo visou avaliar como a duração e a F0 interfeririam na interpretação dessas construções, doravante denominadas relativas não-restritivas e restritivas, respectivamente. Para que a descrição se aproximasse da língua em uso, preferiu-se uma frase produzida por um falante nativo em uma situação concreta de interação. Assim, coletou-se de um inquérito do Projeto NURC-RJ um enunciado com as duas possibilidades de interpretação. Posteriormente, esse dado foi digitalizado usando-se o programa computacional PRAAT para, em seguida, produzir, com o recurso de síntese de fala, suas diversas “versões”. Para isso, manipularam-se a duração de um dos segmentos, a pausa na fronteira sintática e a F0, resultando em um conjunto de 24 variantes, submetidas a 17 juízes, que os ouviram e manifestaram suas interpretações. Os resultados obtidos, mesmo parciais, demonstraram que se deve ter cautela ao tratar da distinção dessas cláusulas, pois há fortes evidências de que pausa e F0 correlacionam-se e interagem com os níveis sintático, semântico e pragmático e de que esses dois parâmetros prosódicos não seriam suficientes para direcionar a interpretação dos interlocutores, como mostraram os resultados deste breve estudo.

Palavras-chave – cláusulas relativas; sintaxe; prosódia.

* Este estudo foi apresentado como trabalho final do curso intitulado “A interface semântica/sintaxe/prosódia”, ministrado pelo Prof. Dr. João Antônio de Moraes na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2005.

** Doutoranda da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

ABSTRACT – According to tradition, non-defining relative clauses are marked by the use of pause in speech and commas in writing; defining or restrictive clauses are identified by their absence. Assuming that there is no such thing as a one to one correspondence of the syntactic and prosodic levels – no matter how much complementary they may be, this study aimed at evaluating how the duration and the F0 would interfere in the interpretation of these constructions which will be called hereafter restrictive and non-restrictive relative clauses. So that the description would be as close as possible to actual language, a sentence produced by a native speaker in a concrete, interactive situation was used. Therefore, a statement with two interpretation possibilities was taken from Projeto Nurc-RJ. This data was then digitized by means of a PRAAT computer program, so that, with the speech synthesis different versions could be produced. To achieve that, one of the segments was manipulated, as well as the pause and the F0. This resulted in a set of 24 variants, and they were submitted to 17 judges, who listened and interpreted them. The results, though partial, show how careful one should be while differentiating these clauses, for there is strong evidence that the pause and the F0 correlate and interact in syntactic, semantic and pragmatic levels, and that these two prosodic parameters are not enough to direct the interlocutors' interpretation, as the results of this brief study have shown.

Key words – relative clauses; syntax; prosody.

Introdução

Este trabalho é uma análise preliminar sobre as variáveis de natureza prosódica a serem pesquisadas no tocante ao uso das construções relativas na modalidade oral da língua portuguesa do Brasil. Em outras palavras, serão analisadas a presença ou não de pausa silenciosa entre o antecedente e a cláusula relativa por um lado, e por outro, a curva melódica do tipo de enunciado em estudo, aferindo-se a frequência fundamental (F0).

1 Pressupostos teóricos

Segundo a tradição, as orações subordinadas adjetivas explicativas seriam caracterizadas pelo emprego da(s) pausa(s) na fala e da(s) vírgula(s) na escrita. Já as restritivas seriam identificadas pela ausência dessas marcas nas duas modalidades. Partindo-se do pressuposto de que não há correspondência biunívoca entre os níveis sintático, de um lado, e o prosódico, de outro, embora eles sejam complementares, este estudo visou avaliar como a duração e a F0 interfeririam na inter-

pretação dessas construções, doravante denominadas relativas não-restritivas e restritivas, respectivamente.

A fundamentação teórica segue os princípios do Funcionalismo e da Lingüística Textual, sendo tais correntes vistas como complementares. A Lingüística Textual preconiza que todo processo interativo se faz sempre por meio de um texto, e ambos constituem seu objeto de estudo, ou seja, texto e interação.

Os estudos funcionalistas partem da premissa de que as línguas estão em processo constante de reestruturação, o que se realiza a partir das necessidades comunicativas dos usuários, concebendo, assim, os idiomas como entidades essencialmente dinâmicas, tanto do ponto de vista das transformações que sofrem ao longo dos séculos, quanto do ponto de vista das pressões dos usos, que, necessariamente, dão-se em sociedade. Dentro dessa perspectiva,

ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas lingüísticas e seus contextos específicos de uso. [...] Nesse sentido, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema (CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, p. 29).

Segundo Hopper & Traugott (1993), os processos de combinação de cláusulas seguem a escala parataxe > hipotaxe > subordinação. De acordo com essa escala, no primeiro estágio, as orações teriam um grau de integração mínimo; no segundo, um grau de integração intermediário estabelecendo relação de interdependência; já no terceiro, a relação de dependência caracteriza-se pela integração máxima. A literatura de base funcionalista, em geral, tem atribuído às relativas não-restritivas o grau de integração intermediário, ou seja, seriam fruto da hipotaxe; e, às restritivas o grau máximo de integração, isto é, seriam estruturas subordinadas propriamente ditas.

Dentro dessa linha de pensamento, nada mais oportuno que, ao analisar-se a modalidade oral, variáveis prosódicas, que estão em íntima relação com fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos, sejam levadas em consideração. Admitindo-se graus diferenciados de integração sintática das relativas restritivas e não-restritivas, pode-se supor que haja algum índice acústico para sinalizar essas diferenças.

Para a análise dos traços supra-segmentais, adotaram-se os postulados de Nespor & Vogel (s/d), de que a estrutura prosódica de um enunciado não corresponde necessariamente à sua estrutura sintática, e de Rossi (1980), de que embora a melodia seja contínua, é percebida como unidades discretas, coextensivas ao fonema e comutáveis

em um mesmo ponto da cadeia da fala. A *entonação* é entendida como um fenômeno acústico, supra-segmental, que, do ponto de vista da percepção, é reconhecida como altura melódica e, do ponto de vista lingüístico, é entendida como tom. Seu componente principal é a *frequência fundamental* (F0), medida em Hertz (Hz). Esta, do ponto de vista da produção do aparelho fonador, é gerada pela tensão exercida pelos músculos da laringe sobre as pregas vocálicas fazendo-as vibrar no eixo horizontal.

A *duração* é concebida como o período de tempo gasto na articulação de um fonema ou de uma sílaba, ou ainda como o período da não articulação de segmentos, isto é, do silêncio – no caso específico deste estudo a pausa silenciosa intencional. Esse parâmetro pode ser aferido em segundos (s) ou milissegundos (ms). No nível lingüístico, traduz-se no conceito de *quantidade*.

2 Metodologia

Para que a descrição se aproximasse da língua em uso, de acordo com a orientação teórica adotada, preferiu-se um enunciado produzido por um falante nativo em uma situação concreta de interação. Assim, coletou-se do inquérito de número 25 (informante do gênero feminino, faixa etária 3) do Projeto NURC-RJ (Nova Amostra/1996) o seguinte enunciado: *Veja-se o belíssimo calçadão desenhado por Burle Marx ocupado diante dos hotéis que não construíram garagens e que estão estragando o calçadão.*

Nessa primeira etapa da pesquisa, com o objetivo de isolar as variáveis prosódicas (entoação e pausa) das variáveis funcionais, *status* informacional e planos discursivos, por exemplo, não foi apresentado aos juízes o co-texto desse enunciado, pois poderia alterar a interpretação.

Com o auxílio do programa computacional PRAAT, esse dado foi digitalizado. Foram aferidas a intensidade, a frequência fundamental e a duração dos trechos destacados no enunciado. Em seguida, com o recurso de síntese de fala, foram produzidas diversas “versões” desse enunciado. Para isso, manipularam-se a duração do segmento que antecede o morfema relativo (/S/ final do vocábulo “hotéis”), a pausa nessa fronteira sintática e a F0 nos pontos sublinhados, o que resultou em um *corpus* de 24 enunciados (o original acrescido de 23 variantes).

2.1 Manipulação da duração do /S/ de “hotéis”

Com base na hipótese de que o alongamento de segmentos finais de vocábulos pode ser percebido pelos ouvintes como índice de fronteira sintática, manipulou-se a duração do /S/ final do vocábulo

“hotéis”, antecedente do morfema relativo *que* na seqüência do enunciado em estudo, mudando-se sua duração de 0,25 para 0,15 segundos.

2.2 Manipulação da pausa

A pausa existente entre “hotéis” e “que” no enunciado original tem duração de 0,52 segundos e foi eliminada em 7 dos 24 dados com base na hipótese, referendada pela tradição, de que haveria pausa entre a oração matriz e a relativa não-restritiva (adjetiva explicativa) e na hipótese de que ela não ocorreria entre a matriz e a relativa restritiva (adjetiva restritiva).

2.3 Manipulação da freqüência fundamental (F0)

Os valores da freqüência fundamental foram diminuídos em aproximadamente 60 Hz nos pontos do enunciado indicados a seguir:

Veja-se o belíssimo calçadão desenhado por Burle Marx ocupado diante dos hotéis que não construíram garagens e que estão estragando o calçadão. nos vocábulos *hotéis, que, não e garagens*.

Primeiramente essa manipulação processou-se de forma gradativa, ou seja, em cada nova “versão” criada a partir do enunciado original, alterava-se a F0 em um dos pontos indicados. Já a segunda etapa foi realizada de forma cumulativa, isto é, em cada nova “versão”, acrescentava-se mais uma alteração do contorno melódico em outro ponto da cadeia da fala, até chegar-se, em combinação com a manipulação da duração, aos 24 enunciados do *corpus*.

Tais enunciados, cuja ordenação foi aleatória, foram submetidos a 17 juízes, todos falantes nativos do português do Brasil, com formação superior, completa ou incompleta. Quando solicitavam, a(s) frase(s) era(m) reproduzida(s) novamente. Alguns fizeram o teste individualmente, outros em pequenos grupos. Eles foram orientados a ouvirem os 24 enunciados e a assinalarem com um X suas respectivas interpretações no protocolo experimental. Neste, havia duas opções: a paráfrase correspondente ao sentido restritivo (“Alguns hotéis construíram garagens”) e a paráfrase correspondente ao sentido não restritivo (“Nenhum dos hotéis construiu garagem”).

3 Resultados

Foram considerados ambíguos os enunciados cujos índices giraram em torno de 50%, ou seja, só a partir de 59% é que foi considerada uma das duas possibilidades de interpretação das relativas.

O enunciado original foi considerado não-restritivo por 59% dos informantes – um índice pouco expressivo. Já o seu “par mínimo”, ou seja, a mesma seqüência sintagmática com o mesmo contorno meló-

dico, mas sem pausa antes do morfema *que*, foi entendido como ambíguo. Do mesmo modo, a frase na qual a duração do /S/ do vocábulo “hotéis” foi diminuída, que obteve o índice em torno de 50%, foi considerada ambígua (cf. Tabela 1).

TABELA 1 – Enunciados ambíguos.

Faixa	Interpretação não restritiva % de respostas	Interpretação restritiva % de respostas	Descrição das manipulações
2	53% (9)	47% (8)	sem pausa antes do <i>que</i>
8	53% (9)	47% (8)	que não, menor duração do /S/ (com pausa)
12	47% (8)	53% (9)	hotéis que não garagens (sem pausa)

Quando a F0 foi alterada apenas no morfema *que*, o fator pausa foi relevante para a distinção das relativas, no entanto a interpretação dos dados contrariou a literatura: o enunciado com pausa foi entendido por 59% dos informantes como restritivo, e a construção correspondente sem pausa como não-restritiva com o mesmo índice percentual.

Por outro lado, quando a alteração da frequência fundamental incidiu sobre os vocábulos subseqüentes *que* e *não*, a pausa fez diferença como prevê a literatura: boa parte dos informantes (65%) percebeu a sua ausência como um índice da restrição, e a sua presença como um índice da não-restrição (88%). O outro dado entendido preferencialmente como restritivo foi aquele em que se diminuiu a F0 no vocábulo *garagens* e se eliminou a pausa antes do morfema relativo, embora 59% não seja um índice tão expressivo (cf. Tabela 2).

TABELA 2 – Enunciados interpretados preferencialmente como restritivos.

Faixa	Interpretação não restritiva % de respostas	Interpretação restritiva % de respostas	Descrição das manipulações
3	41% (7)	59% (10)	garagens (sem pausa)
6	41% (7)	59% (10)	que (com pausa)
19	35% (6)	65% (11)	que não (sem pausa)

A não-restrição foi a interpretação predominante, com índice mais expressivo para os enunciados com pausa e alteração de F0 em *que*, *não* e *hotéis*, *que*, *não*, *garagens* (cf. Tabela 3).

TABELA 3 – Enunciados interpretados preferencialmente como não restritivos.

Faixa	Interpretação não restritiva % de respostas	Interpretação restritiva % de respostas	Descrição das manipulações
1	88% (15)	12% (2)	que não (com pausa)
4	59% (10)	41% (7)	menor duração do /S/
5	76% (13)	24% (4)	hotéis, menor duração do /S/ (com pausa)
7	71% (12)	29% (5)	Hotéis (com pausa)
9	82% (14)	18% (3)	que não garagens (com pausa)
10	59% (10)	41% (7)	que não garagens (sem pausa)
11	71% (12)	29% (5)	hotéis que não garagens, menor duração do /S/ (com pausa)
13	82% (14)	18% (3)	não (com pausa)
14	59% (10)	41% (7)	enunciado original
15	59% (10)	41% (7)	que (sem pausa)
16	65% (11)	35% (6)	não (sem pausa)
17	71% (12)	29% (5)	hotéis (sem pausa)
18	82% (14)	18% (3)	que, menor duração do /S/ (com pausa)
20	65% (11)	35% (6)	não, menor duração do /S/ (com pausa)
21	59% (10)	41% (7)	que não garagens, menor duração do /S/ (com pausa)
22	65% (11)	35% (6)	garagens (com pausa)
23	65% (11)	35% (6)	garagens, menor duração do /S/ (com pausa)
24	88% (15)	12% (2)	hotéis que não garagens (com pausa)

Correlacionada à hipótese de as restritivas terem um vínculo sintático maior com a matriz e, portanto, a fronteira entre as duas não ser tão marcada prosodicamente, está a hipótese de o alongamento ser percebido pelos ouvintes como um índice de segmentação sintática. Essa hipótese parece não se confirmar (ao menos com a atuação isolada desse fator), pois a maior duração do segmento final do vocábulo *hotéis* não parece ter orientado os informantes na escolha da interpretação não-restritiva, tipo de cláusula no qual o vínculo sintático seria mais débil e, portanto, haveria uma marcação mais audível da fronteira.

De um modo geral, esses resultados corroboram a hipótese de que a pausa não atua sozinha no processo de desambigüização, mas em correlação com a entonação, mesmo quando o informante não tem acesso

ao co-texto (enunciados anteriores e posteriores) e ao contexto da interação comunicativa,¹ podendo, inclusive, haver pausa nas restritivas, como revela a Tabela 2, embora essa variável seja mais comum nas não-restritivas. Resultados semelhantes foram encontrados por Souza (1996).

Os limites do presente estudo impediram maiores generalizações, mas apontam alguns caminhos a serem trilhados para se alcançarem mais respostas. Resta saber, mesmo estando correlacionados, até que ponto esses fatores prosódicos interferem na interpretação das relativas em situações reais de interação. Contudo, antes de se observar a co-atuação do nível supra-segmental e de outros níveis, até mesmo o pragmático, na interpretação desse tipo de enunciado, faz-se necessário isolar as variáveis prosódicas.

A fim de complementar a demonstração da análise realizada com o auxílio do programa computacional PRAAT, foram reproduzidos alguns gráficos referentes aos enunciados testados. Como a diferença entre alguns dados residia apenas na presença ou ausência de pausa antes do *que* e menor ou maior duração do segmento final de *hotéis*, optou-se pela reprodução gráfica de apenas seis enunciados cujos resultados mostraram-se mais significativos.

O Gráfico 1 corresponde ao enunciado original, que foi interpretado por 59% dos juízes como não-restritivo (cf. Tabela 3). É interessante confrontá-lo com o Gráfico 2, cujo enunciado só se diferencia do primeiro pela ausência de pausa silenciosa entre o relativo *que* e o antecedente *hotéis*, sendo considerado ambíguo devido ao fato de seu índice de interpretação ficar em torno de 50% (cf. Tabela 1).

Tendo em vista que um índice de 59% não é muito expressivo, não surpreende que a eliminação da pausa silenciosa na fronteira sintática entre a matriz e a relativa ofereça mais dificuldade ao usuário para interpretar o enunciado.

O Gráfico 3 representa um dos dois enunciados com maior índice para a interpretação não-restritiva – 88% (cf. Tabela 3). Sua manipulação consistiu em abaixar a F0 no *que* e no *não*, mantendo a pausa antes do relativo.

O outro dado com o mesmo índice de interpretação não-restritiva (88%) está representado pelo Gráfico 4. Nele a F0 foi manipulada nos vocábulos *hotéis*, *que*, *não* e *garagens*. Também vale ressaltar que, no que diz respeito à variável pausa, o seu “par mínimo” (sem pausa – representado pelo Gráfico 5) foi considerado ambíguo, com um índice de interpretação em torno de 50%.

¹ De acordo com Koch & Travaglia (1990) e Charaudeau & Maingueneau (2004).

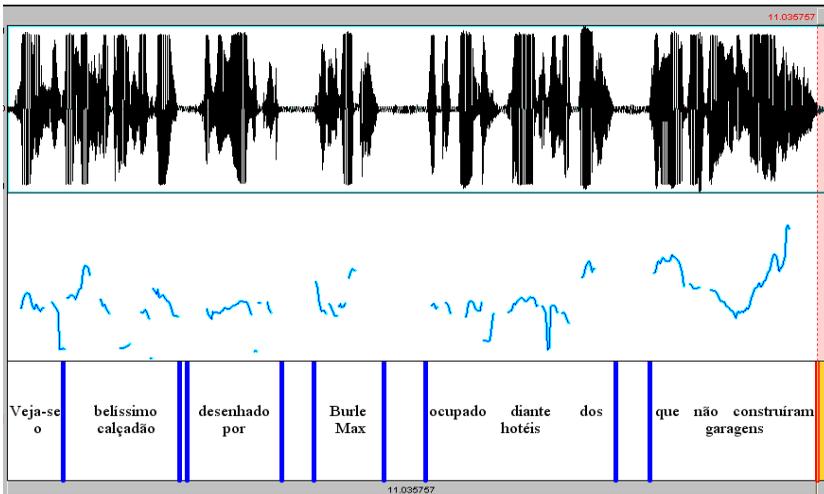


GRÁFICO 1 – Interpretação não-restritiva
(enunciado original – com pausa)

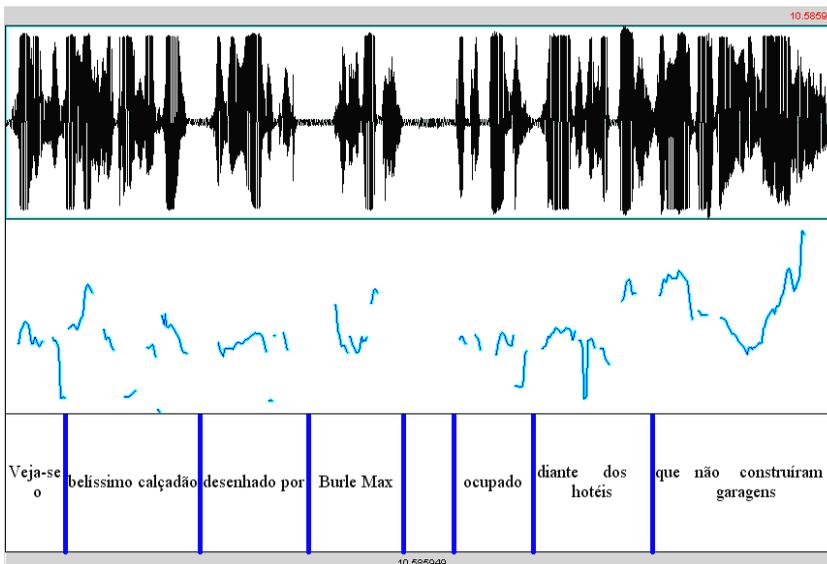


GRÁFICO 2 – Enunciado ambíguo (sem pausa)

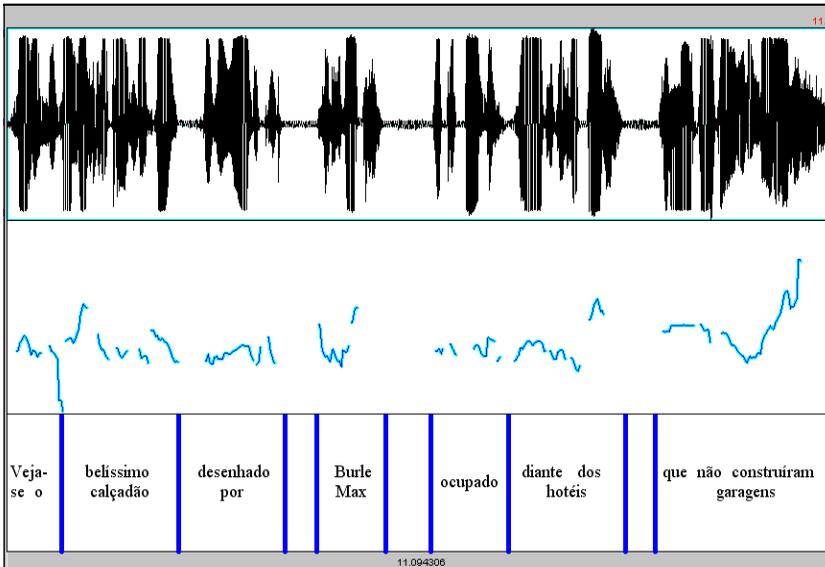


GRÁFICO 3 – Interpretação não-restritiva (com pausa)

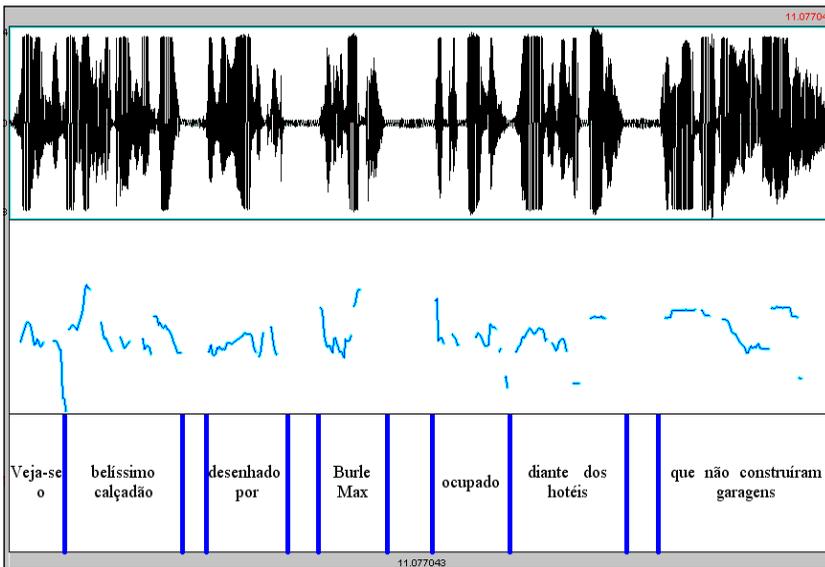


GRÁFICO 4 – Interpretação não-restritiva (com pausa)

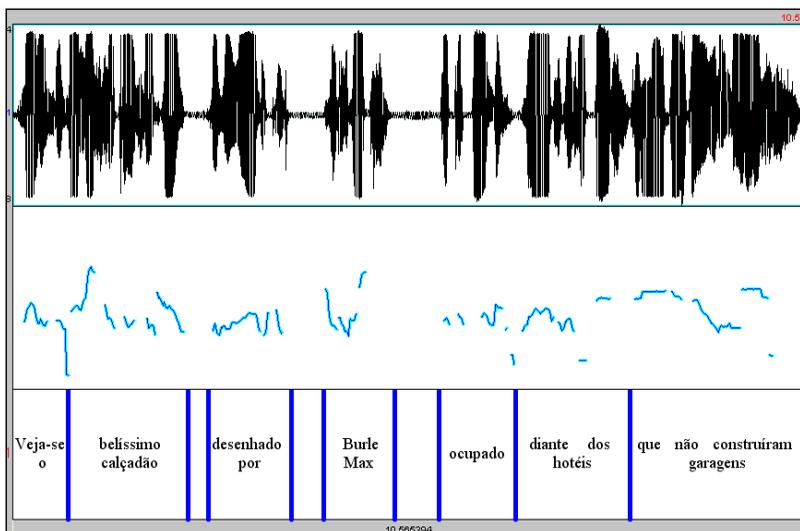


GRÁFICO 5 – Interpretação ambígua (sem pausa)

O enunciado representado pelo gráfico 6 foi o que obteve índice mais expressivo para a interpretação restritiva - 65%. Nele a manipulação consistiu em abaixar a F0 nos vocábulos *que* e *não* retirando a pausa na fronteira entre a matriz e a relativa.

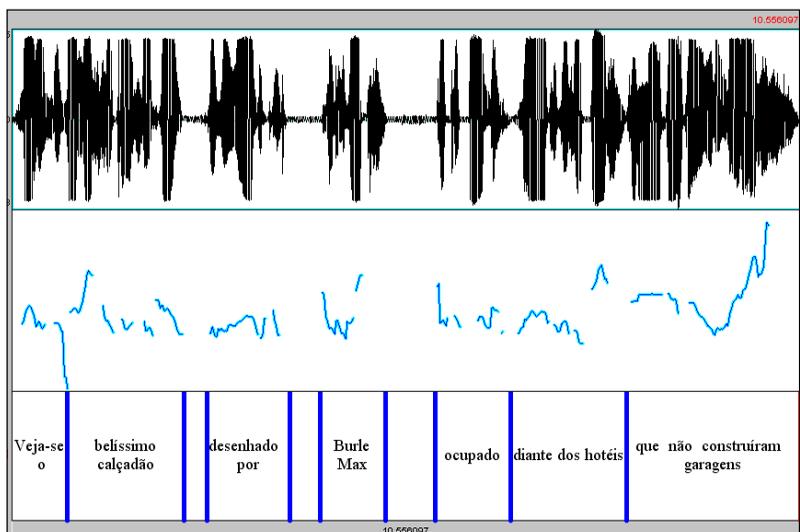


GRÁFICO 6 – Interpretação restritiva (sem pausa)

4 Considerações finais

Os resultados aos quais se chegou neste breve estudo, ainda que parciais, indicam que se deve ter muita cautela ao tratar da distinção entre relativas restritivas e não-restritivas, pois é muito simplório associar essa diferença à ausência e à presença de pausa, respectivamente. Ao que tudo indica, nem sempre as não-restritivas apresentam pausa antes do morfema relativo, e esse fator prosódico parece atuar associado, principalmente, à frequência fundamental no processo de desambigüização.

Nesse sentido, tem razão Bechara (1975) ao referir-se a uma entoação característica das “explicativas”, e não somente à presença de pausa. Ao que o referido autor denomina “entoação suspensiva ou pausal” das “explicativas”, sugerindo a continuidade da frase, corresponde, neste estudo, a curva melódica ascendente antes da fronteira sintática, pois, na maior parte dos dados, observa-se a elevação da F0 nesse ponto da cadeia, sendo a interpretação predominante a da não-restrição. É importante ressaltar que uma das ampliações necessárias para que se possa chegar a resultados mais significativos e precisos é observar a atuação dos fatores prosódicos correlacionada ao papel do co-texto e do contexto situacional a fim de avaliar a articulação do nível prosódico com o pragmático, comprovando-se a relevância desse nível no uso efetivo da língua.

O fato de alguns enunciados não apresentarem uma interpretação preferencial, sendo entendidos como ambíguos, já era de se esperar, tendo em vista que o pressuposto aqui defendido não é o de que o nível supra-segmental isoladamente seja capaz de guiar os falantes em todas as suas opções interpretativas, mas o de que esse nível atue de forma articulada aos demais, pois a comunicação humana é um fenômeno extremamente complexo, e a língua não poderia prescindir dessa complexidade, para a qual contribuem, além dos fatores lingüísticos *stricto sensu*, variáveis cognitivas e socioculturais.

Referências

- AZEREDO, J. C. de. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- BISOL, L. Os constituintes prosódicos. In: BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- FOX, A. Models of intonation. In: *Prosodics features and prosodic structure: the phonology of suprasegmentals*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

- GRESILLON, A. Les relatives dans l'analyse linguistique de la surface textuelle: um cas de régio-frontière. *Langages*, n. 37, 1975.
- HALLIDAY, M. A. K. Spoken language: prosodic features. In: HALLIDAY, M. A. K. *Spoken and written language*. Geelong, Vic.: Deakin University Press, 1985.
- HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian; JANDA, Richards (Ed.). *A handbook of historical linguistics*. Blackweel, 2003.
- HENRY, P. Constructions relatives et articulations discursives. *Langages*, n. 37, 1975.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.) *Approaches to grammaticalization*. John Benjamins Company: Philadelphia, 1991. v. 1.
- HIRSCHBERG, J. Communication and prosody: functional aspects of prosody. *Speech Communication*, n. 36, 2002.
- LE GOFFIC, P. Propositions relatives, identification et ambiguïté, ou: pour en finir avec deux types de relatives. *Melange de Syntaxique et Sémantique*, n. 21, 1979.
- KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.
- MARTIN, P. Systèmes prosodiques et énonciation. *Gragoatá*, n. 5, 1998.
- MORAES, J. A. de. As funções da entoação. (mimeo)
- _____. Correspondências entre os distintos níveis fonéticos: produção, acústico, perceptivo e lingüístico. (mimeo)
- _____. As funções da entoação. (mimeo)
- _____. Os fenômenos supra-segmentais no português do Brasil. (Mimeo)
- NESPOR, M.; VOGEL, I. Constituyentes prosódicos y desambiguación. In: NESPOR, M.; VOGEL, I. *La prosodia*. Madrid: Visor, (s/d).
- NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- PRIETO, P. (Coord.). *Teorías de la entonación*. Barcelona: Ariel, 2003.
- ROSSI, M. et al. Introduction. In: ROSSI, Mario et al. *L'intonation – de l'acoustique à la sémantique*. Paris: Klincksiek, 1980.
- SOUZA, Elenice S. de A. C. de. *Estruturas de relativização no português falado*. 1996. 131 fls. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- VILELA, M.; KOCH, I. V. *Gramática da língua portuguesa, gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto / discurso*. Coimbra: Almedina, 2001.